

Trabalho Escassez de profissionais preparados atinge todos os níveis, desde o chão de fábrica até o executivo

Apagão de talentos pode comprometer o avanço na indústria

Stela Campos, Cibelle Bouças e
Andrea Giardino
De São Paulo

99

A economia cresce e comemora conquistas diárias. Mas esse cenário de sucesso pode estar comprometido por um motivo: faltam profissionais qualificados para sustentar essa decolada da economia. A velocidade da formação de pessoas no país não está acompanhando a corrida econômica. A escassez de mão-de-obra preparada atinge todos os níveis, do chão de fábrica ao executivo. O governo não investiu, a indústria não formou e agora ambos pagam a conta por não terem vislumbrado o que pode comprometer o futuro.

"Alguns setores já vivem o apagão da mão-de-obra qualificada", diz Ezequiel Nascimento, secretário de políticas públicas de emprego do Ministério do Trabalho. Os setores metalúrgico, siderúrgico, de tecnologia da informação, sucroalcooleiro e de construção naval estão entre os que mais ofertam postos de trabalho, mas não encontram profissionais disponíveis com a qualificação desejada.

Relatório do Sistema Nacional de Empregos (Sine) revela que, em 2007, de 2.063 milhões de vagas oferecidas, apenas 900 mil foram preenchidas, ou 43,6% do total. No ano, a oferta de empregos com carteira assinada aumentou 11,8% no Brasil, totalizando 14,3 milhões de postos. O saldo — diferença entre admissões e desligamentos — apontou aumento recorde de 5,85%, ou de 1,6 milhão de vagas.

O mais preocupante é que a falta de profissionais qualificados não está restrita a áreas que exigem curso superior ou de pós-graduação. Segundo Nascimento, das 103,7 mil vagas para auxiliar de linha de produção oferecidas pelo Sine em 2007, apenas 52% foram preenchidas. "Hoje o porto é um operador de micro e de sistemas de segurança." Em 2007, 4,9 milhões de trabalhadores inscritos no Sine foram encaminhados para concorrer às 2 milhões de vagas e só 980 mil se recolocaram.

Qualificar pessoas demanda tempo e dinheiro. As empresas que têm projetos mais arrojados de expansão da capacidade produtiva reforçam os investimentos em treinamento antes mesmo de iniciar a produção nas novas unidades. É o caso, por exemplo, da cons-

trutora Norberto Odebrecht, que acelera o ritmo para treinar 6 mil profissionais de diferentes áreas que trabalharão na construção da usina de Santo Antônio, no Rio Madeira. A empresa prevê investir R\$ 500 mil no treinamento de trabalhadores da região. "Em dez dias, 6 mil pessoas se inscreveram", comemora Paulo Lacerda de Melo, vice-presidente de engenharia e construção da construtora.

Os 16 cursos de nível técnico, em parceria com Sesi e o Senai, devem formar 6,4 mil profissionais, dos quais pelo menos 70% serão absorvidos na primeira parte da obra, que começa em setembro.

Na construtora Andrade Gutierrez, a escassez de profissionais especializados é generalizada. "Na base, falta pessoal de carpintaria, pedreiro. No nível técnico, o profissional de edificação, o encarregado da obras, até o supervisor", diz Lucia Menezes, diretora de desenvolvimento e gestão de pessoas. Para sanar o problema, a empresa decidiu mapear os mais estratégicos entre os 4 mil funcionários. "Identificamos mil. Desses, 200 são supervisores, gerentes e executivos." O objetivo é instrumentalizar essas pessoas para que elas possam capacitar outras. Muitos atuarão na universidade corporativa que a construtora deve lançar este ano. O investimento previsto para a área de treinamento em 2008 é de R\$ 2,1 milhões.

Para dar conta do crescimento dos negócios, a empresa subiu de 65 para 90 as vagas de trainees. Em 2007, foram admitidos 168 executivos. Este ano, só até abril, foram contratados 112. Em 2004, a empresa tinha 140 executivos, agora tem 300.

A Vale, que também está no consórcio, nos últimos cinco anos aumentou em oito vezes os investimentos na formação e capacitação de funcionários e profissionais, diz Deyse Gomes, diretora de educação e desenvolvimento de pessoas. A empresa mantém, desde 2003, um sistema de educação que oferece de cursos de ensino fundamental e médio à especialização técnica. Nos últimos três anos, ela formou 18 mil pessoas, das quais 5 mil foram contratadas.

Até 2012, a Vale tem planos de contratar 62 mil profissionais, sendo 80% em território brasileiro, e desde 2007 começou a reforçar a oferta de cursos de capacitação.

Para a diretora, a maior dificuldade encontrada hoje no país é a oferta escassa de cursos de formação técnica. "Os cursos existentes não atendem às necessidades das empresas, que passam a exercer também o papel de educadoras", critica. Deyse diz que o governo federal e o de alguns Estados, como São Paulo, têm investido na construção de escolas técnicas.

"Quem esperar para ter demanda vai pagar caro", afirma Laércio Consentino, presidente da Totvs, holding que atua no mercado de software de gestão empresarial, outra área que enfrenta uma verdadeira guerra por talentos. "Sempre nos preparamos, inclusive com programas de formação de jovens talentos", diz. Consentino ressalta que neste momento a companhia já está treinando gente para o exercício de 2009/2010, diante das perspectivas de crescimento. Só este ano, prevê investir R\$ 4 milhões em treinamento de mão-de-obra.

O setor automotivo também enfrenta uma grande disputa por talentos. Faltam operadores, engenheiros e até executivos. A Fiat tenta driblar essa escassez investindo em seu pessoal. Ela mantém parcerias com 35 instituições acadêmicas para treinar suas equipes. Em 2007, contratou e treinou 3,8 mil funcionários para criar o terceiro turno. Os profissionais que se formam nas universidades não são suficientes para atender à demanda atual e futura da empresa.

O setor de petróleo e gás já previa um "gap" de pessoas para tocar os ambiciosos investimentos planejados pelas empresas em 2003 para os cinco anos seguintes — US\$ 35 bilhões, no período 2003-2007.

Este foi um dos motivos para a criação do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp), concebido no âmbito do Ministério das Minas e Energia, com o objetivo de capacitar profissionais para o setor. Até hoje, 25 mil pessoas passaram por seus cursos gratuitos de qualificação. Até 2009, o número deve subir para 112 mil.

O coordenador-executivo do Prominp, José Renato Ferreira de Almeida, diz que no início do programa encontrou dificuldade para preencher as vagas disponíveis. "O obstáculo era a experiência prévia", conta. Ele diz que retirou esse item dos pré-requisitos para os cursos de nível básico. Para com-



Consentino, da Totvs, que investe R\$ 4 milhões em treinamentos: "Quem esperar para ter demanda vai pagar caro"

Formação desequilibrada

Saldo entre oferta de mão-de-obra qualificada e a geração de empregos formais no país em 2007

Setor	Saldo	Problema generalizado
Construção civil	76.161	Saldo entre oferta de empregos e demanda de profissionais qualificados e com experiência em 2007
Agropecuária e extrativismo	75.864	Oferta
Serviços de alojamento e alimentação	49.727	2.000.000 1.500.000 1.000.000 500.000 0
Indústria de produtos de madeira e móveis	27.710	69.940 227.817 110.611 886.788 380.912 1.676.068 Norte Sul Centro-Oeste Sudeste Nordeste Brasil
Administração pública, defesa e segurança social	25.651	Demandada
Indústria de produtos minerais não-metálicos	9.673	2.000.000 1.500.000 1.000.000 500.000 0
Serviços de educação, saúde, assistência social, lazer e serviços pessoais e domésticos	4.876	99.031 254.152 124.058 868.920 245.886 1.592.047 Norte Sul Centro-Oeste Sudeste Nordeste Brasil
Serviços de transporte, correios e auxiliares	3.872	Saldo
Indústria de papel e gráfica	3.236	200.000 100.000 0
Serviços de locação imobiliária	314	-29.091 -26.335 -13.447 17.868 135.026 84.021 Norte Sul Centro-Oeste Sudeste Nordeste Brasil
Serviços de comunicação e telecomunicação	-2.582	
Comércio varejista e atacadista e serviços de reparação de produtos	-6.750	
Indústria de alimentos, bebidas e fumo	-4.639	
Serviços financeiros e auxiliares	-7.423	
Atividades associativas	-8.445	
Indústria de produtos de borracha e plástico	-8.931	
Serviços diversos de apoio à atividade empresarial	-10.649	
Indústria têxtil, de vestuário e de calçados	-10.286	
Indústria de produtos eletrônicos, de comunicação e de medicina	-11.879	
Indústria e serviços urbanitários	-14.135	
Indústria de produtos minerais metálicos	-15.756	
Indústria extrativista mineral	-20.846	
Indústria de produtos mecânicos	-21.444	
Indústria de produtos de transporte	-23.945	
Indústria química e petroquímica	-25.353	
Total	84.021	

Fonte: Ipea

pensar, aumentou o lado prático do aprendizado. O curso pulou de 240 para 500 horas. No nível médio, onde o problema também foi detectado, a experiência prévia foi retirada e compensada por um aumento da exigência no grau de escolaridade. O programa inclui 175 categorias profissionais, do nível básico ao nível superior, envolvendo cerca de 80 instituições de ensino em 17 Estados, com investimentos de R\$ 300 milhões. A Petrobras é a principal financiadora.

O grau de escolaridade versus

experiência é um problema para as empresas interessadas em desenvolver sua própria mão-de-obra. No setor de manutenção a es-

correlação entre os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), mostra que o déficit de trabalhadores concentra-se nos mesmos setores. A indústria química é a que apresenta a maior escassez de profissionais qualificados. No ano passado, 25,3 mil vagas de empregos formais permaneceram em aberto. Ricardo Amorim, pesquisador do Ipea, observa que o Brasil vinha numa toada de 25 anos sem crescimento significativo e com redução da participação das indústrias no PIB. "O resultado é que ninguém se interessava em formar mão-de-obra qualificada".

Na outra ponta, o mecânico que tem experiência, mas deficiência de alfabetização, não consegue tirar um certificado ou fazer um curso de aprendizagem básica. Muitas empresas estão sendo obrigadas a alfabetizar seus empregados antes de pensar em qualificação.

Um estudo do Ipea, que faz uma